Profissionalização de jovens na área de música através de um projeto social: Um estudo de caso com a Orquestra de Berimbaus Afinados Dainho Xequerê – OBADX

Anderson Fabrício Andrade Brasil
Universidade Federal da Bahia
sonsbrasil@gmail.com

Leila Dias
Universidade Federal da Bahia
leidias12@hotmail.com

Resumo: Este trabalho é um recorte de uma tese de doutorado em andamento no PPGMUS- UFBA. Nele, é abordado a profissionalização de jovens na área de música através de um projeto social, refletindo sobre os aspectos que circundam o educador musical atuante em projetos sociais. Neste arcabouço, há um diálogo com teóricos como Freire (1987), Santos (1988) e Kleber (2012), na busca de compreender quais questões entrecruzam o contexto social em que esses projetos estão inseridos. Nos abalizam acerca da profissionalização Freidson (1996, 1998), Travassos (1999), Pichoneri (2006), Morato (2010) e Simões (2011). Este é um estudo de caso que olha para a Orquestra de Berimbaus Afinados Dainho Xequerê – OBADX, cujos músicos são alunos egressos da Escola de Educação Percussiva Integral - EEPI, situada em um contexto urbano onde os jovens vivem em condição social sendo, frequentemente, expostos a situações de violência.

Palavras chave: Educação Musical, Projetos Sociais, Profissionalização em Música.

Introdução

A presente pesquisa surge a partir de uma dissertação de mestrado, submetida ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Bahia, que consistiu em investigar os usos da aprendizagem musical para os jovens da Escola de Educação Percussiva Integral – EEPI. Por entender que a pesquisa de doutorado necessita de um maior aprofundamento, tanto no contexto social musical, quanto no arcabouço teórico, penso ser importante manter o mesmo contexto social, pela admiração e afinidade que tenho por ele,

porém mudando o foco da pesquisa, agora para um viés mais específico, isto é, olhando os alunos egressos desse projeto social, pontualmente aqueles que estão inseridos no mercado profissional enquanto músicos.

Os resultados da pesquisa de mestrado demonstraram que o uso da aprendizagem musical para os jovens atendidos pela EEPI inclina-se para o aspecto profissionalizante, ou seja, muitos dos alunos aprendem música também para se tornarem músicos profissionais.

De posse dessas informações obtidas a partir da pesquisa de mestrado, inquieta-me saber como tem se construído a formação profissional desses jovens dentro do olhar da educação musical enquanto área autônoma de conhecimento, perguntando: De que modo o projeto social EEPI contribuiu para a profissionalização dos músicos da OBADX?

Música e os Projetos Sociais

Como educador musical atuei em quatro projetos sociais distintos, todos eles abrigados em bairros periféricos da cidade de Salvador na Bahia. Esses quatro projetos foram totalmente marcados pelas características dos alunos atendidos, bem como suas localidades, o que me permitiu o entendimento que não se pode generalizar os projetos sociais, bem como os bairros em que eles se situam, como nos fala Souza:

> O tema de educação musical em projetos sociais se entrecruza com os campos da educação musical inclusiva, da educação social, da educação especial e musicoterapia. É importante discernir essas áreas, pois cada uma tem suas especificidades, seus objetos de interesse, seus objetivos, suas literaturas – embora esses campos possam se entre- cruzar (Souza, 2014, p. 17).

Quando retrato o cerne desses projetos, parto da compreensão de que alguns deles buscam enfrentar as situações de violência, de pobreza extrema e a inegável ausência dos poderes públicos, por causa do silêncio da própria sociedade. Mesmo entendendo a gravidade deste silêncio, elegi abordar apenas a literatura que corrobora com aspectos da

profissionalização, mais especificamente na minha área de atuação, a educação musical em contextos de projetos sociais.

Ainda na última década, Alda Oliveira ao realizar uma pesquisa sobre os projetos sociais, dentro da área de educação musical, ressaltou a relevância desses contextos para a nossa atuação profissional:

> O terceiro setor e demais espaços alternativos como associações de bairro, creches, casas e cursos de apoio ao idoso e aos portadores de necessidades especiais como um mercado de trabalho que está em franco desenvolvimento para o educador musical (OLIVEIRA, 2003, p. 95).

Assim, as pesquisas acerca de projetos sociais tiveram um crescimento acentuado nas últimas décadas. A educação musical acabou por acompanhar esse crescimento par e passo, elaborando pesquisas científicas e publicações sobre as demandas e características educacionais deste contexto tão peculiar.

Os noticiários nos mostram diariamente doses homeopáticas de violência, e por muitas vezes, não atentamos que os números produzidos pela violência nas grandes metrópoles brasileiras nos deixam muito a frente de várias guerras civis em diversas partes do mundo. O Brasil deteve, no ano de 2015, seis assassinatos por hora, sendo a maioria de homens negros. A cada dez minutos uma pessoa é assassinada, indicadores que levam o Brasil a superar em 20 anos a guerra do Vietnã, dado esse extraído do Anuário de Segurança Pública[1]. Já Athayde e Meireles (2014) descrevem que na virada de 2013 para 2014 a média de idade dos brasileiros era de 33,1 anos; na favela, 29,7 anos.

Brasil (2014) corrobora com mais dados a respeito desta realidade social brasileira através de alguns dados estatísticos. Nesta pesquisa, realizada na cidade de Salvador no estado da Bahia, ele constata que somente no bairro de Pernambués[2] residem 53.580 pessoas negras, ocupando subempregos de acordo com o IBGE. Athayde e Meireles (2014) permanecem a tratar essa tessitura social nos dizendo: “Se hoje 67% dos habitantes da favela são negros, é certo que

[1] Fonte: www.forumseguranca.org.br

[2] http://g1.globo.com/bahia/noticia/2012/03/bairro-da-liberdade-nao-e-o-mais-negro-de-salvador-aponta-ibge.html

fazem parte de uma linhagem de excluídos do sistema econômico, vítimas de uma exploração que atravessou quatro séculos e de um desprezo que varou os cem anos seguintes" (Athayde e Meireles, 2014, p. 42). Ao discutirmos sobre periferias, favelas e comunidades no contexto brasileiro, julgo necessário trazer a fala de Brasil quando diz:

> Diversas nomenclaturas são encontradas para definir "Periferia". São comumente empregadas para esse mesmo termo, definições como bairro popular, favela, comunidade, comunidade menos favorecida, comunidade carente, subúrbio, entres outros. Torna-se difícil encontrar uma nomenclatura capaz de abarcar essa realidade específica já que as nossas cidades estão em constante crescimento social. Diante disso, seria insensato tentar fechar apenas uma nomenclatura absoluta algo que está em processo de mutabilidade constante (BRASIL, 2014, p. 11).

Mesmo considerando que essas comunidades situadas em diferentes estados e cidades possuem características geográficas peculiares, muitas vezes elas se aproximam no grau de submissão e violência a que se submetem, sem esquecer que as escalas de crescimento se modificam de maneira acelerada. Isso nos faz lembrar Gohn quando afirma que: um dos grandes problemas sociais contemporâneos é o fenômeno da naturalização da injustiça, exploração e a pobreza das mentes na população, Gohn (2011).

Profissão X Ocupação

Existem linhas filosóficas que consideram as profissões como fenômenos resultantes do processo histórico. Buscando entender um pouco da gênese do termo profissão, tentaremos relacionar este a produção de bens e serviços, assim como a institucionalização ou a regulamentação pelo Estado, trazendo à baila alguns documentos públicos e o arcabouço teórico de autores que tratam sobre tais definições. Barbosa (1999) relata que o estudo sociológico dos grupos profissionais se tornou, nos últimos anos, um tema importante para investimentos acadêmicos no Brasil. Ela afirma que existem publicações que tentam dar conta do conjunto de questões teóricas da Sociologia das Profissões.

Estabelecendo alguns parâmetros que possam nortear a análise das profissões, mesmo considerando a profissionalização em música, encontramos o conceito de Freidson, (1998) que trata da profissão de forma mais geral:

> Podemos definir a profissionalização como um processo pelo qual uma ocupação organizada, geralmente, mas nem sempre por alegar uma competência esotérica especial e cuidar da qualidade de seu trabalho e de seus benefícios para a sociedade, obtém o direito exclusivo de realizar um determinado tipo de trabalho, controlar o treinamento para ele e o acesso a ele e controlar o direito de terminar e avaliar a maneira como o trabalho é realizado. Constitui uma base para organizar empregos e trabalho numa divisão do trabalho inteiramente diferente do princípio administrativo. (FREIDSON, 1998, p. 98)

Poderíamos analisar o termo profissão por uma distinção acentuada entre as diferentes profissões, ou dos agrupamentos profissionais? Ou quem sabe pela autonomia ou o controle que esses grupos têm sobre seu próprio trabalho? Para seguirmos rumo a uma definição sobre profissionalização que nos traga um norte teórico, buscaremos distinguir profissão de ocupação.

> O profissionalismo é definido por meio das circunstâncias típico-ideais que fornecem aos trabalhadores munidos de conhecimento os recursos através dos quais eles podem controlar seu próprio trabalho, tornando-se, desse modo, aptos a criar e a aplicar aos assuntos humanos o discurso, a disciplina ou o campo particular sobre os quais têm jurisdição (FREIDSON, 1996, p. 141).

Para entendermos melhor a distinção entre profissionalização e ocupação vale regressar até o século passado. Castel afirma que em 170, na França, é publicado um decreto que diz: “vagabundos são aqueles que não têm profissão, nem ofício, nem domicílio certo, nem lugar para subsistir”. Junto a esse decreto real é acrescentada uma cláusula que reza: “todos aqueles que não têm profissão nem ofício”, “há mais de seis meses” (Castel, 1998, p. 121).

Esse decreto buscava apontar os simpatizantes de uma vida ociosa dos que procuravam trabalho e de construir uma identificação para aqueles que eram alvo da polícia, separando estes daqueles que mesmo sem emprego dispunham de algo para obter sustendo e moradia, os ocupados. Como exemplo clássico de distinção entre o ofício e a profissão temos a descrição de Elias sobre Mozart:

> A existência social de Mozart, a peculiaridade de seu destino social, mostra muito claramente que a virada da **arte de artesão** para a criação **artística "livre"** não foi um acontecimento brusco. Na realidade, o que ocorreu foi um processo com muitos estágios intermediários, sendo que, como se pode observar, no caso da música a principal fase de transformação... (ELIAS, 1995, p.46).

Neste período, o oficio tem uma conotação diferente de profissão. Segundo Elias os "ofícios" eram tradição naquela sociedade. Eram perpassadas de pai para filho as "artes do oficio". O autor nos esclarece que era muitíssimo acentuado o caráter de oficio a profissão de músico, já que era claro o abismo entre o produtor de arte e o patrono. Este autor demonstra a desigualdade social entre produtor da arte e patrono na sociedade aristocrática europeia dos séculos XVII e XVIII. Nessa tessitura social, os músicos eram igualados a cozinheiros, serviçais de famílias detentoras de recursos. (ELIAS, 1995, p. 26).

Na conjuntura social contemporânea, as discussões e definições das populações ocupadas e não ocupadas têm objetivos e significados distintos. A ocupação hoje pode ser considerada pelo que uma pessoa de fato faz ao trabalhar. Isso pode não implicar e nem corresponder aos serviços peculiares da profissão escolhida. Desta forma, podemos ter músicos com diploma de formação na área de conhecimento musical, mas, que estão desempenhando a ocupação como publicitário. Sobre isso, Freidson elucida:

> Ocupação constitui um conceito por demais decisivo em Sociologia para que se possa considerar resolvido, pois representa as atividades produtivas sobre as quais se baseia a sociedade. Além disso, ela tem a capacidade potencial, toda especial, de interligar o mundo macrossociológico da experiência e atividade cotidianas, que é investigado pela maioria dos estudos na tradição de Everett Hughes, com o mundo macrossociológico da estrutura social, que é pesquisado pela maioria dos estudos sobre classe, estratificação e mobilidade social. (FREIDSON, 1998, p. 113)

Em um livro[3] desenvolvido pelo Ministério do Trabalho e do Emprego – MTE temos a seguinte definição: "Ocupação é a agregação de empregos ou situações de trabalho similares quanto às atividades realizadas. O título ocupacional, em uma classificação, surge da agregação de situações similares de emprego e/ou trabalho". (Brasil/ MTE, 2002, p. 1). As ocupações são muito mais numerosas que as profissões, em virtude de em uma mesma sociedade o trabalho

[3] http://wp.ufpel.edu.br/observatoriosocial/files/2014/09/CBO-Livro-1.pdf

demandar uma quantidade numerosa de tarefas, onde um mesmo profissional pode exercer diferentes atividades.

É muito disseminado o conceito institucional sobre a definição de profissão. Freidson (1998) acrescenta que existe um apreciação de profissão que se refere a um amplo estrato de ocupações prestigiosas mas não muito variadas, cujos membros tiveram todos algum tipo de ocupação superior e são identificados mais por sua condição de educação do que por suas habilidades ocupacionais específicas, segundo ele, é muito comum o conceito que diz ser profissão um número limitado de atividades com traços ideológicos e institucionais particulares, mais ou menos comuns, (FREIDSON, 1998, p. 50 e 51) .

Segundo Ben-David (1977) esse conceito que ampara a profissão como uma camada instruída muito ampla tem sido aplicada sem grande dificuldade a todas as nações industriais. É claro a mutabilidade destes termos em função de mudanças sociais, são oportunizadas não só pela indústria, mas também por questões culturais.

Freidson (1998) afirma que o futuro do termo profissão reside na adoção de um conceito popular multifacetado, intrinsicamente ambíguo, do qual nenhuma definição única e nenhuma tentativa de isolar sua essência poderá ser amplamente persuasiva. Ele nos chama atenção para a necessidade de se libertar desse conceito estabelecido por meio de um “modelo de profissão”, onde todas as ocupações são ordenadas, por meio de uma dicotomia (ou *Continuum*) grotesca, (FREIDSON, 1998, p. 59).

Em umas das obras mais conhecidas de Freidson “Profession of Medicine: a study in the sociology of applied knowledge” ele destaca diferentes faces daquilo que agora não é mais visto como "serviço ideal". Ele discute a crença dos funcionalistas de que a autonomia das profissões está sempre voltada para o atendimento das necessidades sociais, tendo por pano de fundo uma ideologia profissional. O autor tece uma avaliação sistemática dos pressupostos sobre as profissões, desafiando a crença de que um treinamento altamente especializado e prolongado pode ser considerado como a principal característica da profissão.

O que é profissionalização em música?

Diante de um diálogo feito anteriormente com um dos mais renomados teóricos que discute a profissionalização Eliot Freidson, trazemos novamente aqui as seguintes indagações: O que é profissionalização em música? É ganhar dinheiro? É ter reconhecimento na área? Quais as motivações que levam os alunos a se tornarem músicos profissionais? Quais são as suas expectativas? Será que o diploma que define o perfil do músico profissional? Nesta nova conjectura pensada a partir da área de conhecimento, educação musical, Travassos (1999) nos apresenta uma definição que será o Norte para esta pesquisa:

> "Músico profissional" não só aquele que exerce atividades remuneradas, mas também aquele cuja prática, independentemente da geração de renda, se desenrola num determinado enquadramento de relações sociais que a distingue da prática de estudo (na qual o músico é aluno), de ensaio (que é uma situação de performance formalizada) " (TRAVASSOS, 1999, p. 123).

Em sua pesquisa realizada com alunos do Instituto Villa Lobos – IVL na cidade do Rio de Janeiro, Elisabeth Travassos descreve que muitos deles já haviam dado passos importantes no processo de constituição da identidade enquanto músico profissional, tocando ou cantando em bares, teatros e estúdios, gravando *jingles,* compondo e executando trilhas sonoras, (Travassos, 1999). Assim, constatamos que a atuação como músico profissional se dá pela constituição de uma identidade, por relações que ultrapassam a denotação de "status" ou até mesmo o diploma de formação, embora a autora acrescente que numa perspectiva mais instrumental, o diploma é uma esperança de estabilização financeira porque possibilita os vínculos empregatícios oficiais, (TRAVASSOS, 1999, p. 24).

Em seus estudos de doutorado, Cíntia Morato (2010) em busca da compreensão de como se dá a construção social da profissão em música, faz a seguinte pergunta: "se as normas socialmente instituídas preveem que primeiro se deve estudar e se formar para depois se trabalhar, o que possibilita que o aluno já atue profissionalmente em música enquanto cursa a graduação na mesma área? ".

A pergunta de Morato (2010) nos remete a uma relação com outras profissões tais como medicina, direito e odontologia, que exigem diploma para o seu exercício, e mais que isso, é impossível trabalhar em uma dessas áreas sem que haja um registro na ordem ou no conselho que regula tais exercícios. Sobre isso a autora nos esclarece:

> Para compreender o modo com que a profissão em música é construída socialmente na contemporaneidade, é preciso conhecer os aspectos que lhe são peculiares: a precocidade da profissionalização – que se torna possível mediante a precocidade da formação musical – e a multiplicidade de atuação dos profissionais, particularidades da profissão sob as quais se inscrevem a valorização da rede social e a estruturação intermitente. Além disso, é preciso ainda entender como a profissão musical se difere do modo com que outras profissões legitimadas socialmente se constroem, (MORATO, 2010, p. 221).

Mas como se legitima socialmente a profissão de músico? Será que um único contexto sócio profissional pode dimensionar e descrever o que valida este profissional? Simões (2011) discute sobre o que é ser músico e viver de música no Brasil:

> O que é ser músico? Um instrumentista, um cantor – um interprete? Ou um compositor, um autor – um artista? Pensando por outro ângulo: seria um trabalhador, um profissional como qualquer outro? Ou qualquer amador também merece o título de músico? É mais difícil do que parece tentar definir esse indivíduo. O próprio músico, diga-se de passagem, tem dificuldade em apresenta-se. Optar por uma por uma dessas categorias parece insuficiente. Além disso, como pintor, e o escultor, o músico desempenha uma atividade artística que parece escapar à descrição geralmente reconhecida de profissão.... Afinal, o que faz um músico para sobreviver? É possível viver da música? E o que faz de um músico um músico? O diploma universitário? O pagamento recebido no final de uma apresentação? A maestria de um instrumento? E qual diferença entre um pandeirista que toca de fim-de-semana, um saxofonista que toca em casamentos, um violinista de orquestra e um flautista de choro? Seria o tempo dedicado à atividade que o faria profissional? E os músicos que desempenham atividades anexas extras? (SIMÕES, 2011, p. 26).

Essa declaração do autor confirma o grau de complexidade envolvido no processo de construção de uma definição para a profissão de músico. Como pretendemos investigar como tem se construído a formação profissional de jovens por intermédio de um projeto social, julgo sobremodo necessário nos debruçarmos sobre diferentes pesquisas e abordagens sobre o tema. A pesquisa de Pichoneri (2006), aborda a formação do músico de orquestra e as condições para a profissionalização:

> Tornar-se um músico profissional requer uma formação altamente especializada, domínio de um instrumento, amplo conhecimento de seu repertório e uma dedicação contínua, que se inicia, muitas vezes, na infância e que se estenderá por toda a carreira do músico. Não existe, porém, só um

> caminho – formal - que possibilita esse processo de profissionalização e o exercício da profissão. (PICHONERI, 2006, p.11).

A autora é concisa ao retratar uma formação altamente especializada, iniciada muitas vezes na infância e que perdura por toda a vida, esclarece que para analisar o processo de formação profissional em música e suas singularidades, faz-se necessário o entendimento dos vários fatores que o compõem:

> No contexto da orquestra, a dimensão histórica é especialmente importante, pois diz respeito não somente às possibilidades de formação do músico, mas também a realização de seu trabalho, visto que a própria orquestra, como é conhecida hoje, é uma formação que nasce no século XVI, assim como boa parte de seu repertório, o qual continua sendo amplamente executado pelas orquestras de hoje, e, por isso mesmo, constituem grande parte do conhecimento exigido dos músicos instrumentistas. Considerar a posição que os músicos ocupavam nas sociedades de corte auxilia na compreensão do espaço ocupado por eles hoje, (PICHONERI, 2006, p.13).

No âmbito da orquestra, a formação profissional é diferente de músicos que atuam em bares e bailes, por exemplo. É comum encontrar alunos de bacharelado em instrumento que integram orquestras juvenis, tocam em casamentos e cerimoniais, fazem turnês com orquestras e que desfrutam de um certo status dentre seus pares, mas não se consideram "profissionais" porque ainda não concluíram sua formação acadêmica.

Essa discussão alia-se com Freidson quando afirma que profissionalismo é definido por meio das circunstâncias típico-ideais que fornecem aos trabalhadores munidos de conhecimento os recursos através dos quais eles podem controlar seu próprio trabalho, (Freidson, 1996). Sua fala corrobora com a de Pichoneri (2006) quando afirma que as possibilidades de formação dos músicos em sua pesquisa foram observadas não de forma cristalizada, mas sempre por meio das mudanças nas relações sociais por eles vivenciadas, visto que na preparação para o trabalho, quando há transformações, pois, gera alguma organização e formas de gestão.

Essas diferentes concepções da profissionalização, pensadas a partir da música popular ou mesmo da música orquestral, nos prepara para adentrar na discussão de como acontece a profissionalização de um músico popular a partir de um projeto social.

A Orquestra de Berimbaus Afinados Dainho Xequerê – OBADX

A Orquestra de Berimbaus Afinados Dainho Xequerê – OBADX nasceu a partir de uma proposta do músico e arte educador Dainho Xequerê de dar continuidade ao projeto do seu mestre e professor, Ramiro Musotto[4] um compositor e produtor musical argentino radicado no Brasil desde os anos 80.

As músicas escolhidas são em sua maioria de domínio público, trabalhando ritmos brasileiros e afro-baianos, numa textura sonora diferenciada. Tomarei como ponto de partida os jovens que integram a OBADX para alcançar os aspectos do processo de profissionalização, cerne desta pesquisa. Assim, fiz inicialmente entrevistas, estando aberto a outros recursos de coleta de dados que por ventura viessem a surgir no decorrer do trabalho em campo, optando inicialmente pelo estudo de caso como estratégia de pesquisa.

Foto 01 – Orquestra de Berimbaus Afinados Dainho Xequerê

Fonte: OBADX

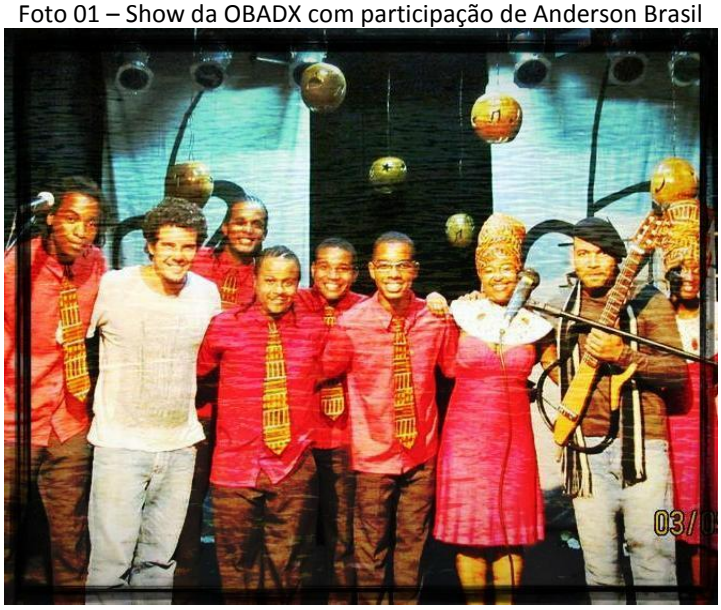
Como surge a pesquisa

Nas primeiras inserções do campo, a pesquisa seria feita com alunos egressos da EEPI escolhidos de forma aleatória. Como acompanhei o surgimento e crescimento da OBADX e

[4] Ramiro Musotto - Compositor e produtor musical argentino radicado no Brasil desde os anos 80. Ramiro foi o primeiro a pensar os berimbaus afinados executando linhas melódicas e formação de acordes. Musotto faleceu em 11 de setembro de 2009, aos 45 anos, de câncer.

possuía relação aproximada com os integrantes da Orquestra, julguei relevante pesquisar esses músicos até mesmo porque esta orquestra era constituída somente de alunos da EEPI. Todos eles estavam vinculados não só com a música, mas, sobretudo com a capoeira.

Foto 01 – Show da OBADX com participação de Anderson Brasil



Fonte: OBADX

Metade dos instrumentistas residia no bairro do cabula na cidade de Salvador, onde a EEPI também está localizada. A outra parte em bairros populares de diferentes regiões da cidade. A relação de cumplicidade, respeito entre os membros da orquestra OBADX é algo comum entre alguns bairros periféricos de Salvador como Brasil descreve:

> As singularidades encontradas nesse contexto referentes à privação e dificuldades permitem visualizar um pouco dos valores comumente encontrados ali. Para viverem em lugares onde serviços básicos são tão ausentes, alguns vínculos como amizade, confiança e esperança são fortalecidos todos os dias. Alguns pais necessitam deixar seus filhos com o vizinho, pelo acesso ruim e distante a mercados e farmácias. Muitas vezes é o vizinho que socorre quando há casos de emergência. Como mensurar o nível de respeito e dependência que essas pessoas têm entre si? (BRASIL, 2014, p.14).

O autor afirma que uma parte integrante da comunidade é a "obrigação fraterna" de partilhar as vantagens entre seus membros, independente do talento ou importância deles,

mostrando que embora nas áreas de periferia seja comum a desagregação social, muitas comunidades podem ser encontradas mesmo nesse cenário.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Durante o processo de transcrição das entrevistas, tenho olhado fotos e assistido alguns vídeos do grupo, que certamente, estarão compondo meus documentos de análise. Além disso, por conta da pesquisa, convivi mais de perto, nesses três anos de doutorado, com os músicos da OBADX, ou seja, com o meu campo empírico. Com isso, algumas observações que considero importantes de serem compartilhadas, serão aqui dispostas ainda que não tenha começado meu processo formal de análise de dados.

A primeira delas é que pude perceber que todos os músicos da OBADX possuem ligação direta com a capoeira. Alguns deles, integram grupos distintos, com diferentes mestres, mas todos eles convergem na questão do respeito e da admiração pela figura de seu líder, Dainho Xequerê. Desde meus diários de campo, há registros de alguns shows e ensaios que pude acompanhar de perto e houve depoimentos que revelam a relação não só cultural, mas também espiritual que eles estabelecem com a capoeira.

Durante algumas noites em que estive presente nos treinos de um desses grupos de capoeira, a Associação Lúdica Baiana de Capoeira Cabula - ALUBAC, ocorrido também na casa de Dainho Xequerê, pude perceber a força da ancestralidade desse líder que construiu sua história a partir de uma vida dura e difícil, mas com dignidade, tendo sido alavancado pela esperança.

Com toda essa força da Capoeira na vida desses músicos da OBADX, ponho-me a perguntar: Teria sido esta prática da capoeira tão forte na vida deles a ponto de ter influenciado esses personagens a criarem uma orquestra de berimbaus e até se profissionalizarem? Seria esta influência de tamanha importância para os conduzirem a tal?

Assim, após olhar desta maneira para esse contexto social e as práticas musicais dos meus atores de pesquisa, sigo buscando descortinar por meio dos dados nas entrevistas **de que modo o projeto social EEPI contribuiu para a profissionalização dos músicos da OBADX,** analisando o processo deles na questão da profissionalização de cada um, sem deixar de

acompanhar para conhecer os caminhos musicais traçados pelo grupo no âmbito do projeto social EEPI.

Referências

ATHAYDE, Celso; MEIRELES, Renato. **Um país chamado favela**. São Paulo: Editora Gente, 2014.

BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira. A sociologia das profissões: em torno da legitimidade de um objeto. **Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais,** Anpocs, 36. 1993.

BEN-DAVID, J. **Centers of Learning: Britain, Germany, the United States.** New York, McGraw Hill, 1977.

BRASIL, Anderson Fabrício Andrade. **Batucando aqui vou trabalhando ali.** Os usos da aprendizagem musical em um projeto social em Salvador – Bahia. Dissertação de mestrado – Universidade Federal da Bahia, Escola de Música, Salvador, 2014.

_____. **Educação, periferia e transformação**... O Educador Musical e alguns prismas emergentes. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 13, setembro, 2014, Blumenau. Anais... Santa Catarina.

BRASIL/MTE. **Classificação Brasileira de Ocupações.** Brasília, 2002. Disponível em: http://www.mtecbo.gov.br . Acesso em: 13/09/2016.

CASTEL, R. **As Metamorfoses da Questão Social: uma crônica do salário.** Petrópolis: Vozes, 1998.

ELIAS, Norbert. **Mozart : a Sociologia de um gênio.** Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ª edição. Paz e Terra. Rio de Janeiro: 1987.

FREIRE, V. L. B. **Horizontes da pesquisa em música**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

FREIDSON, E. Renascimento do profissionalismo: teoria, profecia e política. São Paulo: Edusp, 1998.
_____. **Professionalism reborn: theory, prophecy and policy**. Chicago, The University of Chicago Press, 1994.

_____. Para uma análise comparada das profissões. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, (1996).

_____. **Profession of Medicine: A. Study of the Sociology of Applied. Knowledge**. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor.** São Paulo: Cortez, 2011.

GUIMARÃES, Eloisa. **Escolas, Galeras e Narcotráfico**. Rio de Janeiro: PUC-Rio. Tese (Doutorado em Educação). 1995.

MORATO, Cíntia Thais. **Estudar e trabalhar durante a graduação em música: construindo sentidos sobre a formação profissional do músico e do professor de música.** 2009. 307f. Tese (Doutorado), Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2009.

_____. **A formação profissional em música: uma reflexão pensada sob o ponto de vista da construção social da profissão musical.** In: XVIII Congresso Nacional da ABEM. Anais. p. 220-230, Goiânia-GO, 28/07 a 01 de outubro de 2010.

OLIVEIRA, Alda de. Atuação profissional do educador musical: terceiro setor. **Revista da ABEM,** Porto Alegre, v. 8, 93-99, mar. 2003.

SANTOS, Elisama da S. G. **Educação Musical em Projetos sociais: os saberes docentes em ação.** Dissertação (Mestrado em Música). Programa de Pós-Graduação em Música, Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

SANTOS, Boaventura S. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade.** 6 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. Reinventar a democracia entre o pré-contratualismo e o pós-contratualismo In: SANTOS, R. M. S. "Melhoria de vida" ou "fazendo a vida vibrar": o projeto social para dentro e fora da escola e o lugar da educação musical. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, nº10, p.59-64, março 2004.

SIMÕES, J. da R. **Ser músico e viver de música no Brasil: um estudo da trajetória do Centro Musical Porto-Alegrense (1920-1933)**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUC, 2011.
SOUZA, Jusamara. (Org.). **Música, educação e projetos sociais.** Porto Alegre: Tomo editorial, 2014.

TRAVASSOS, Elizabeth. **Redesenhando as fronteiras do gosto: estudantes de música e diversidade musical.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 5, n. 11, p.119-144, 1999.